MORFOLOGIA DO PORTUGUÊS I
AULA 1

Morfologia? Léxico? Palavra? Morfema?‘Teoria Para Quê?’

Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira
FFFLCH-DLCV/ USP

marcia.oliveira@usp.br

Uma Palavra Inicial Acerca de Algumas Palavras

- Iniciamos nosso curso apontando para um par de palavras. São elas:
- morfologia/léxico
- palavra/morfema
- Nosso objetivo não será definir estes termos consultando o *étimo* – uma estratégia de longa tradição nos estudos do Ocidente.
- Neste primeiro encontro queremos deixar claro que: (i) este curso está centrado em um modelo de teoria formalista; (ii) o trabalho humano sobre a 'realidade' (consciência) já é, antes de tudo, um primeiro momento de teorização.

Morfologia/ Léxico

- Uma parte do conhecimento que temos acerca das palavras de nossa língua está representado sob o rótulo MORFOLOGIA. É o que pode ser captado como generalizações acerca da estrutura das palavras.

- O que é imprevisível será tratado sob o rótulo de LÉXICO, mas acampado dentro dos processos de formação de classes de palavras de nossa língua.

Rosa, Maria Carlota. 2000. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, p. 24.

Palavra/Morfema

- Em nosso campo de estudo há duas unidades específicas com claras ‘preocupações’:
- (1) a palavra
- (2) o morfema
- No entanto, antes mesmo de começarmos a expor estas questões, passemos para o crucial: assentar o embasamento teórico que assumimos neste curso.

Formalismo

- *Nossa abordagem é 'mentalista':* **(i)** a lingua(gem) não é uma consequência da comunicação; **(ii)** a lingua(gem) no homem 'organizou' melhor sua vida mental e o tornou mais apto; **(iii)** que a lingua(gem) sirva à comunicação é uma consequência inesperada, mas não essencial.

Ver entre outros:

BICKERTON, DEREK. (1990). **Language and Species**. Chicago: University of Chicago Press.

- Neste curso, nossa perspectiva é de uma Linguística Formalista. Logo, focalizamos a descrição/análise gramatical na forma/estrutura e não nas funções dessas formas.

O Que Entendemos por Língua?

- Corroboramos propostas teóricas que são rotuladas como ‘Teoria da Gramática’ – de cunho mentalista – que advogam a faculdade da linguagem.
- A hipótese acerca da faculdade da linguagem tem sido conhecida na literatura como gramática universal – GU.
- E o conhecimento do vocabulário? Ele está ligado a nossa “representação da realidade”. Passemos a essa questão nos próximos tópicos.

Um ‘Erro Comum’

- Segundo Dascal & Borges Neto (1991: 19), um “erro comum”:

“[…] é supor que as divisões da ciência correspondem a divisões naturais da realidade.[…]

DASCAL, M. & BORGES NETO, J. 1991. De que trata a Linguística afinal? *Histoire Épistémologie Langage,* 13 (1): 13-50.

- Segundo Rosa (2009: 25):

“O loteamento do observacional é resultado de um trabalho humano sobre a realidade e, em conseqüência, já é um primeiro momento de teorização.”

Rosa, Maria Carlota. 2000. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto.

As Capacidades Distintivas da Inteligência Humana

- Segundo Bickerton (1990: 2), duas capacidades particulares nos distinguem de todas as outras espécies inteligentes do planeta:

(i) domínio sobre a natureza e (ii) desenvolvimento da consciência

- No entanto, há ainda uma terceira característica que de fato faz o 'hiato' entre nós e as outras 'inteligências' do planeta: língua – ver Bickerton (1990: 4).

Mapeando a Realidade

- Estudos apontam que nós dividimos com outras criaturas as chamadas operações de mapeamento, via conexões cerebrais especiais a cada espécie. Ou seja, segundo, Bickerton (1990: 16, traduzido, o negrito é nosso):

"O primeiro ponto a ser dito é que, de fato **qualquer coisa que nós ou qualquer outra criatura percebamos é uma representação** e de forma alguma uma realidade nua em si. [...] são respostas de células particulares especializadas a responder a apenas algumas facetas e não a outras. Estas **respostas neurais** em sim mesmas constituem um nível de representação. [...]"

- Em outras palavras: só vemos da realidade o que nosso cérebro está programado para nos permitir ver.

Língua como Representação

- Nossa representação conceptual é mapeada por meio de uma representação linguística – em outras palavras, nossa faculdade mental é peculiar devido a nossa faculdade linguística – ver entre outros, Charles Darwin, Noam Chomsky, Derek Bickerton.
- Outro ponto importante: os fatos de língua não espelham a realidade! São antes de tudo uma representação da realidade!
- Logo, só para começar nossa conversa. A palavra SUBSTANTIVO não é uma realidade.

Continuando Acerca das Palavras e Representação

- Substantivo é uma das muitas palavras do mundo da ciência e não tem relação alguma com a ‘divisão real do mundo’.
- No entanto, podemos continuar indo mais longe e perguntar sobre:

  árvore/bonsai/arbusto/grama
- Essas palavras realmente expressam coisas do mundo real? Ou são “representações do mundo real”?
- É bom que comecemos a nos indagar se não são apenas “representações de mundo” e não “nomes de realidades de mundo” como nos fizeram crer.

As Palavras Apontam Para a Realidade?

- De novo: se as palavras apontam para a realidade, podemos ‘fechar’ o conceito em torno de nomes como ‘leopardo’, por exemplo. Mas mesmo assim vamos ter problemas, se, de repente, um menino do nordeste brasileiro, que nunca viu um leopardo for ler sobre esse animal ou ouvir sobre ele. Nunca terá visto *fisicamente* o bicho. Logo nos apercebemos que leopardo é aí, de novo, claramente uma ‘representação’ linguística da realidade.

Voltando ao ‘Um Erro Comum’

- “[…] supor que as divisões da ciência correspondem a divisões naturais da realidade.[…]
- Supor que as palavras – uma concepção teórica da realidade – correspondam a uma divisão natural da realidade é um grande equívoco.
- Supor que palavras da gramática sejam divisões naturais da realidade é um equívoco de tamanho maior ainda. Pergunta: você acredita que o **verbo** existe?